Cadernos de estágio

Análise do ensino de Ecologia para estudantes do Ensino Médio do Colégio de Aplicação da UFPE

Walter de Paula Pinto Neto;
Talita Pereira Silva;
Danilo de Carvalho Leandro;
Júlio César de Oliveira Santos;
Tânia Maria da Silva.



Como citar este texto

NETO, W. de P. P. .; SILVA, T. P.; LEANDRO, D. de C.; SANTOS, J. C. de O.; SILVA, T. M. da . Análise do ensino de Ecologia para estudantes do Ensino Médio do Colégio de Aplicação da UFPE. Cadernos de Estágio, v. 6, n. 3, 2024. DOI: 10.21680/2763-6488.2024v6n3ID38685

Cde
O estágio no Colégio de aplicação
a formação docente e os diálogos com a prática pedagógica

ISSN: 2763-6488

Resumo

A Ecologia não é um assunto recente no currículo de Ciências e Biologia, mas vem se apresentando de forma diversa e nem sempre contempla a complexidade do tema. Diante disso, o objetivo deste trabalho foi relatar e analisar as percepções e práticas de Ensino de Ecologia com alunos da terceira série do Ensino Médio do Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Pernambuco. Como percurso metodológico foi utilizada uma sequência didática contendo estratégias alternativas de ensino do tema, com ludicidade e aulas de campo interdisciplinares. A partir dessa experiência, foi possível perceber que práticas alternativas no Ensino de Ecologia, quando adequadamente planejadas e aplicadas, podem contribuir para a promoção de benefícios significativos tanto para os alunos quanto para a formação profissional dos estagiários envolvidos. Além disso, a relação entre teoria e prática, sob uma perspectiva multidisciplinar, é fundamental para abordar um tema complexo como a Ecologia.

Palavras-chave: ensino de ciências; ecologia; colégios de aplicação; estágio.

1.Introdução

A Ecologia não é um conteúdo recente nos currículos de Ciências e Biologia na Educação Básica, e tem ganhado relevância nos últimos anos com as mudanças climáticas e os diversos problemas socioambientais que o mundo enfrenta. Contudo, o ensino desse tema nas escolas enfrenta diferentes desafios, sendo um deles a predominância da centralidade do uso apenas dos livros didáticos, que não raramente trazem conceitos ultrapassados (Silva, 2012). Nesse sentido, pensando o Ensino de Ecologia numa perspectiva de aprendizagem mais reflexiva e integradora, é importante utilizar abordagens mais contextualizadas e problematizadoras, a partir da imersão dos sujeitos envolvidos na realidade local em que estão inseridos (Gonçalves et al., 2007).

Para Favoretti et al. (2020), a formação de uma sociedade que tenha consciência dos impactos ambientais causados pelas suas ações está sustentada numa base educacional consolidada. Sendo assim, o Ensino de Biologia quando leva a uma reflexão da integração entre Ciência, Tecnologia, Sociedade e Ambiente (CTSA) promove a formação de sujeitos críticos e com maiores possibilidades para serem interventores sociais. Desse modo, ensinar Ecologia para além dos livros didáticos e exposição teórica é um desafio que pode ser superado por estratégias de ensino em ambientes naturais. Assim, de acordo com Seniciato e Cavassan (2004), esse tipo de abordagem pode envolver e inspirar os sujeitos envolvidos, além de ser uma ferramenta que integra conteúdos escolares fragmentados em diferentes disciplinas.

Historicamente, os conhecimentos sobre Ecologia vêm se ampliando ao longo do tempo, em virtude dos avanços científicos na área. E, mais recentemente, uma diversidade de terminologias científicas estão sendo inseridas no vocabulário de ambientes para além dos muros escolares e acadêmicos. Dessa maneira, o saber ecológico torna-se ainda mais fundamental para a compreensão dialógica e a participação efetiva de intervenção no meio ambiente (Mariani Júnior, 2008).

Diante da importância do tema Ecologia e da sua inserção nos mais variados ambientes, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) sugeriram a discussão do meio ambiente como tema transversal, atravessando todos os componentes disciplinares. Sendo assim, cabe às escolas garantirem situações em que os sujeitos possam praticar a sua cidadania no desenvolvimento da capacidade de intervenção na realidade (Brasil, 2000). Nesse cenário, o professor pode ser visto como um agente capaz de contextualizar e tornar crítica a Educação em sala de aula. Assim, esse profissional deve dominar conhecimentos específicos sobre a disciplina na qual atua, bem como os aspectos didáticos para melhorar as relações de ensino-apren-

dizagem. Nesse contexto de discussão, surgem os primeiros desafios e dificuldades acerca do ensino de Ecologia para o Ensino Básico, e que aqui serão discutidos: formação de professores e condições concretas do ambiente escolar.

Nesse sentido, o objetivo deste trabalho foi relatar e analisar as percepções e práticas de Ensino de Ecologia com alunos da terceira série do Ensino Médio do Colégio de Aplicação (CAp) da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), durante as vivências das disciplinas de Metodologia do Ensino de Biologia 2 (MEB 2) e Estágio em Ensino de Biologia 2 (EEB 2), do curso de Licenciatura em Ciências Biológicas da UFPE.

2.Material e métodos

Trata-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa e descritiva (Prodanov; Freitas, 2013), caracterizada como relato de experiência (Pádua, 1997). Nesse relato, são descritas e analisadas as experiências vivenciadas acerca do Ensino de Ecologia em uma turma da terceira série do Ensino Médio do Colégio de Aplicação (CAp/UFPE), através da disciplina de Estágio em Ensino de Biologia 2 (EEB 2) e Metodologia do Ensino de Biologia 2 (MEB 2), do curso de Licenciatura em Ciências Biológicas da UFPE, campus Recife, em 2019.

2.1Público-Alvo da intervenção

A turma em que ocorreu a intervenção era formada por 30 alunos que, em sua totalidade, ingressaram por meio de um processo seletivo para iniciar a atividade na instituição de Ensino Básico Federal a partir do sexto ano do Ensino Fundamental. Houve articulação para realização de uma intervenção didática sobre o tema Ecologia a partir de atividades de ensino vinculadas às disciplinas de MEB 2 e EEB 2, alinhadas ao Currículo de Biologia do CAp/UFPE.

Uma análise do campo de estágio deve ser levada em consideração, sobretudo, no que se refere a este estudo. Trata-se de uma escola pública de Educação Básica, que está sob gestão do Governo Federal e dentro dos limites do principal campus universitário de uma das principais universidades públicas do Brasil. Nesse sentido, trata-se de um ambiente escolar que pode ser considerado privilegiado, sustentado por uma equipe multiprofissional qualificada que, em sua maioria, é de regime de trabalho com dedicação exclusiva, efetiva e com remuneração acima da média nacional. Além disso, conta com o apoio de um corpo de profissionais provisórios (substitutos) e de

estagiários que auxiliam a manter a diversidade e qualidade da troca de interação entre a Educação Básica e Superior da universidade que a mantém.

Num contexto amplo, o Colégio de Aplicação é um cenário de estrutura física semelhante à de uma universidade pública federal no Brasil, com uma equipe multiprofissional de dedicação exclusiva, formação continuada e benefícios da carreira, com acesso direto aos diferentes ambientes de um campus universitário que promove ensino, pesquisa e extensão com qualidade. Há também a implementação de políticas públicas de assistência e permanência estudantil e com oportunidades de realização de pesquisa e extensão ainda durante o Ensino Básico e podendo ser remunerado por isso, é compreensível que a relação ensino-aprendizagem seja privilegiada, nesse ambiente, sobretudo, quando comparada às outras escolas públicas espalhadas pelo país.

Ademais, vale resgatar a lembrança que os alunos inseridos, nessa vivência escolar, passaram por um exame seletivo e puderam desenvolver a sua permanência escolar em um ambiente privilegiado, desde o primeiro ano dos anos finais do Ensino Fundamental até a terceira série do Ensino Médio quando se depararam com o ensino de Ecologia, sendo o público-alvo desse estágio supervisionado. Portanto, é importante enfatizar que as condições concretas dessa escola estão acima do padrão do ensino público nacional e que as experiências aqui analisadas fogem da realidade da maioria dos ambientes escolares, sobretudo aqueles localizados em regiões interioranas e com maiores déficits de investimentos públicos.

Dessa forma, as primeiras percepções dos estagiários, quanto ao ensino de Ecologia e frente a turma submetida às regências, destacam que os estudantes já demonstravam um conhecimento prévio considerável, mostrando-se sujeitos ativos em sua formação, o que resulta de um ambiente escolar que preza por uma educação de qualidade. Esse panorama com privilégios para as atividades de estágio fez com que fosse possível testar estratégias metodológicas diversas e abordar o tema com profundidade.

2.2 Sequência Didática (SD)

A organização do estágio em etapas colaborou para o desenvolvimento das ati-

vidades programadas. Nesse sentido, foi proposta uma sequência de temas em Ecologia (Tab. 1) com seus respectivos objetivos para orientar e nortear a abordagem dos mesmos em sala de aula.

Tabela 1: Sequência de Temas do Componente Curricular Ecologia – 3ª Série do Ensino Médio – CAp/UFPE – Recife/PE – 2019

Ordem	Temas das Aulas de Ecologia	h/a
01	Fundamentos da Ecologia	02
02	Resolução de questões	01
03	Energia e matéria nos ecossistemas	02
04	Humanidade e meio ambiente (Parte 1)	01
05	Dinâmica das populações	02
06	Relações ecológicas	02
07	Humanidade e meio ambiente (Parte 2)	02
08	Sucessão ecológica e processo avaliativo	02

Fonte: Os autores.

Destaca-se que houve a identificação de atividades extracurriculares desenvolvidas pelos alunos no ambiente escolar, e em ano de inscrição no Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), o que fez com que os estagiários optassem por metodologias de ensino consideradas mais tradicionais, para contemplar o preparo para o exame de ingresso ao Ensino Superior, bem como permitir a realização das demais atividades executadas pelos alunos. Sendo assim, a proposta inicial era manter a sequência da abordagem dos temas suportada metodologicamente por aulas expositivas dialogadas, e de resolução de questões, para contemplar o conteúdo de Ecologia. Contudo, o aprofundamento teórico sobre Metodologias de Ensino em Ecologia e o diálogo estabelecido entre os estagiários, professores supervisores e alunos identificou algumas metodologias potencialmente mais eficientes que poderiam ser utilizadas na abordagem dos temas, elencados acima.

Nessa conjuntura, a sequência dos temas foi mantida, em sua cronologia de abordagem de conteúdos, mas houve reformulação em relação às estratégias didático-metodológica de ensino-aprendizagem. Desse modo, os conteúdos passaram a ser trabalhados de forma expositiva-dialogada, mas com a utilização de recursos lúdicos para promover sua compreensão conectada aos conteúdos de Ecologia. Além disso, houve a oportunidade de ocorrer a realização de aulas de campo ministradas em parceria com professores de outras disciplinas, de maneira a incentivar a trans-

versalização dos temas abordados e entre diferentes áreas de saber, tendo em vista os diferentes contextos de interpretação de mundo.

2.3 Estratégias Didáticas incorporadas à SD

A partir do aprofundamento teórico sobre o Ensino de Ecologia e da participação dialógica com professores orientadores e supervisor e alunos da turma, ocorreu a estruturação e readequação das estratégias de ensino (Tab. 2), de acordo com a sequência de temas organizados na Tabela 1, a fim de incorporar as sugestões preconizadas pelos autores referenciados, bem como pelos PCN, conforme pode ser observado abaixo.

Tabela 2: Sequência Didático-Metodológica de Temas da Ecologia – 3ª Série do Ensino Médio – CAp/UFPE – Recife/PE – 2019

Ordem	Temas das Aulas de Ecologia	h/a
01	Fundamentos da Ecologia Aula prática 01 Montagem de cadeias e teias tróficas	02
02	Resolução de questões	01
03	Energia e matéria nos ecossistemas	02
04	Humanidade e meio ambiente (Parte 1)	01
05	Aula de campo 01 O ecossistema de manguezal e a extensão da bacia do Rio Beberibe	-
06	Dinâmica das populações	02
07	Relações ecológicas Aula prática 02 Caça-palavras e jogo da adivinhação	02
08	Aula de campo 02 Arena de Pernambuco: meio ambiente, futebol e saúde	-
09	Humanidade e meio ambiente (Parte 2) Retrospectiva da SD	02

10	Sucessão ecológica e processo avaliativo *Coffee time* O Lorax: em busca da trúfula perdida (filme)	02

**Sequência proposta após alterações didático-metodológicas*

Fonte: Os autores

Houve ainda uma avaliação escrita das atividades realizadas, por parte do professor supervisor no ambiente escolar do estágio e por questionário avaliativo anônimo preenchido pelos alunos do Colégio campo do estágio. Já em relação aos alunos da terceira série do Ensino Médio, que vivenciaram a sequência didático-metodológica organizada para o ensino de Ecologia, evidencia-se que eles foram avaliados durante a realização do Conselho de Classe do Colégio de Aplicação (CAp/UFPE).

3.Resultados e discussão

3.1 Práticas de Ensino adotadas para temas da Ecologia

De acordo com Borges et al. (2009) se faz necessário que a escola e os professores pensem práticas pedagógicas que despertem nos alunos reflexões sobre o sentido e relevância de se estudar os conteúdos presentes no currículo escolar. E, para além disso, as estratégias de ensino adotadas frente aos conteúdos escolares devem contribuir para a formação de cidadãos conscientes e críticos que possam agir localmente, assim como também possam intervir no mundo (apud Pinheiro, 2019, p. 5). Nesse sentido, foi pensada a adoção de práticas de ensino, em colaboração com toda a equipe de estágio, incluindo os alunos, que ultrapassassem as aulas expositivas tradicionais e que trouxessem para perto dos alunos as situações-problemas de sua comunidade para inspirá-los sobre o tema.

Do ponto de vista da organização e vivência das aulas de regência no terceiro ano do Ensino Médio no CAp/UFPE, evidencia-se que na “AULA 01”, no momento de apresentação com os estagiários, iniciava-se uma relação de afeto com a turma que já estava sob observação, ocorrida anteriormente, em decorrência da parte observacional da disciplina Estágio em Ensino de Biologia 2. E, para esse primeiro momento foi vivenciada uma aula expositiva dialogada sobre os Fundamentos da Ecologia, seguida da realização de atividade prática sobre o tema. Afinal, segundo

Miguens e Garret (1991 apud Rodrigues, 2013, p. 22), a educação em Biologia deve ocorrer por meio de trabalhos práticos que oportunizam a construção de conhecimentos de forma mais sólida, e, com esse intuito, os alunos foram divididos em cinco grupos (contendo seis membros) e tiveram acesso a ilustrações para a confecção de cadeias e teias tróficas que deveriam ser apresentadas para a turma (Fig. 1). Dessa forma, os alunos puderam "colocar a mão na massa" para expressar o entendimento sobre os conteúdos assimilados, durante a aula expositiva-dialogada.

Fig. 1: Apresentação da atividade prática sobre cadeias e teias tróficas.



Fonte: Os autores.

Na "AULA 2" os estagiários optaram por um momento de resolução de questões para recordar e relacionar o conteúdo da primeira aula, momento essencial por abordar diversos conceitos que seriam utilizados nas aulas subsequentes. Além disso, por ser um momento com menor disponibilidade de carga-horária (1 h/a), pareceu ser mais prudente consolidar o aprendizado inicial ao invés de prosseguir com a abordagem de outros conteúdos.

Destaca-se que as "AULAS 3 e 4" foram expositivas-dialogadas e introduziram conhecimentos teóricos fundamentais para a vivência da "AULA 5", na qual os alunos tiveram a oportunidade de percorrer a extensão do Rio Beberibe e fragmentos de manguezal, em atividade prática (do tipo excursão pedagógica), nos municípios de Recife, Olinda e Camaragibe (PE) (Fig. 2). Nesse momento, os alunos puderam observar, de perto, fenômenos diversos e discutir os temas abordados, de forma interdisciplinar, com professores e estagiários das ciências humanas (História e Geografia) e ciências da vida (Biologia).

Na atividade pedagógica organizada, evidencia-se que desde o ingresso no transporte escolar até os pontos de parada, os alunos tiveram acesso aos mapas de satélite dos locais a serem visitados e puderam discuti-los sob uma óptica da conservação ambiental, sendo apresentados conceitos como: estruturas lineares, corredores ecológicos, trampolins ecológicos, conservação e preservação da natureza, bioética, políticas públicas ambientais, código florestal, ecossistema de manguezal e entre outros, a partir da observação da comunidade na qual fazem parte. Além disso, puderam observar impactos ambientais realizados nas cidades, sob olhar histórico e físico de sua geografia, assim como puderam colocar as suas percepções para diálogo com os sujeitos presentes.

Nessa discussão, de acordo com Machado (1984), referir-se a Ecologia, em outros sentidos, para além do científico-conceitual da perspectiva da Biologia é possível quando se insere aspectos relacionados ao campo social, político e filosófico. Assim, para Mariani Júnior (2008), ações interdisciplinares no ensino de Ecologia no Ensino Médio promovem um aprendizado mais significativo, pois os alunos são incentivados a serem capazes de diferenciar diversos problemas ambientais que contribuem para as desigualdades sociais. Em sequência pode-se abordar, também, o surgimento e transmissão de novas doenças, perda da diversidade biológica, assim como promover a conscientização sobre causas ambientais e a adoção de posturas e ações de intervenções ecologicamente corretas. Nesse sentido, foi possível perceber o entusiasmo e constante interação entre professores, estagiários e alunos

a partir da atmosfera que foi criada pelos sujeitos acerca das discussões relacionadas ao tema. Nesse contexto, evidencia-se a importância pedagógica de práticas metodológicas alternativas adequadas que, quando bem empregadas, oferecem uma bagagem de benefícios para todos os envolvidos.

A seguir encontram-se imagens relacionadas à realização de atividades práticas (em aulas de campo) com os alunos da terceira série do Ensino Médio, da escola campo do estágio.

Fig. 2: Aulas de campo ao longo da Bacia do Rio Beberibe.



Fonte: Os autores

A "AULA 6" foi do tipo expositiva-dialogada e, em contraste com a experiência vivenciada na aula anterior, pareceu não entusiasmar os alunos que esperavam maior dinamismo. Entretanto, o conteúdo foi ministrado com profundidade e houve participação do corpo discente. Já o conteúdo da "AULA 7" parecia ser o mais esperado pelos alunos, visto que sempre tentavam incorporar as relações ecológicas em suas falas durante as aulas anteriores. Para esse momento foi pensada uma aula expositiva dialogada seguida de uma atividade prática mais lúdica.

Na realização da atividade lúdica, os alunos foram confrontados com um jogo da

adivinhação com dicas que o fizessem refletir sobre as relações ecológicas estudadas. Essa aula aconteceu no Laboratório de Biologia do colégio e os alunos se mostraram bastante interessados e persistentes, visto que o jogo apresentava um grau de dificuldade considerável que, por vezes, promovia inquietações nos membros das equipes. Tais práticas, segundo Gonzaga et al. (2017), devem ser adotadas porque o uso de jogos didáticos, no processo de aprendizagem, traz vários benefícios para o desenvolvimento dos estudantes, num contexto amplo. E, tanto os alunos de Ensino Médio quanto os estagiários evidenciaram satisfação ao participar das atividades propostas que, entre os benefícios promovidos, podem ser destacados, por exemplo, o desenvolvimento de habilidades cognitivas, como o raciocínio lógico, a criatividade e a metacognição.

Na "AULA 8" houve uma visita à Arena de Pernambuco (Fig. 3) em ação interdisciplinar entre as disciplinas Educação Física e Biologia. Nela os alunos puderam relacionar o futebol com os benefícios trazidos à saúde, além de ampliar o olhar para a relação de grandes edificações e os impactos ambientais gerados, bem como a importância dos licenciamentos ambientais envolvidos na construção das obras. Adicionalmente, os estudantes tiveram contato com o projeto de sustentabilidade da Arena Pernambuco, tanto no que se refere ao uso da luminosidade natural (para atuação nas placas fotovoltaicas), quanto sobre o reaproveitamento, pelo estádio, de água coletada da chuva.

Já na "AULA 9", próximo ao fim do período de regência, foi realizada uma discussão sobre as percepções que os alunos tiveram sobre as aulas de campo para finalizar o conteúdo de humanidade e meio ambiente. Desse modo, com o assunto Ecologia, praticamente finalizado, houve um momento de retrospectiva, no qual os alunos foram confrontados com questões relacionadas aos temas abordados e vivenciados, sendo possível relembrar conceitos e tirar dúvidas remanescentes sobre o conteúdo abordado. Por fim, foi discutida com a turma a possibilidade de realizar uma avaliação da aprendizagem por meio de um Coffee Time. Ou seja, os alunos teriam acesso a um pequeno lanche enquanto seriam confrontados, naturalmente, com perguntas sobre o tema em uma roda de diálogo. Além disso, foi recomendado que os alunos assistissem ao filme O Lorax: em busca da trúfula perdida, que aborda diversos conceitos trabalhados durante as aulas, pois algumas das questões da avaliação seriam baseadas na narrativa construída pela animação. Dessa forma, como destaca Olegário et al. (2021), o uso de ferramentas tecnológicas como os filmes pode ser uma metodologia pedagógica capaz de relacionar a teoria com a prática promovendo um pensamento crítico contextualizado.

Na "AULA 10" (de curta duração), foi abordado o último conteúdo previsto na

Sequência Didática e, em seguida, houve a realização da avaliação. O momento aconteceu como uma dinâmica na qual uma pergunta aparecia no telão e, em seguida, os nomes de dois alunos. Um aluno deveria responder à pergunta e o outro complementar a resposta sem que houvesse sobreposição de fala.

O momento foi conduzido de forma natural, pois durante o período do estágio foi construída uma relação de afeto, empatia e respeito com a turma. Todos os alunos responderam a mais de uma pergunta e, geralmente, mais de um aluno sentia a necessidade de complementar a resposta com a sua interpretação do tema. Isso promoveu um momento de diálogo extremamente rico que, por vezes, precisava ser freado para não ultrapassar o horário da disciplina. Ao final da avaliação, os alunos se confrontaram com a possibilidade de se autoavaliar com base nos critérios participação em sala de aula, frequência e Coffee time, sendo a nota estabelecida por eles aquela que iria compor o boletim escolar na unidade. Além disso, também foram confrontados com um questionário anônimo para avaliar os estagiários que, no caso, obtiveram uma avaliação positiva tanto da turma quanto dos professores orientadores e supervisor.

Fig. 3: Aulas de campo na Arena de Pernambuco.



Fonte: Os autores.

Por fim, destaca-se que nas estratégias metodológicas vivenciadas ao longo do estágio de regência, foi importante a combinação entre problemas reais e contextuais e a promoção de atividades lúdicas e engajadoras, bem como de momentos de partilha e socialização das aprendizagens entre os estudantes e entre eles e os estagiários/docente.

3.2 O estágio supervisionado como agente de qualificação profissional

De forma extensiva, a sala de aula é o local na escola no qual o professor passa a maior parte do seu tempo enquanto exerce a sua profissão. Contudo, não é um local isolado onde as práticas de ensino ficam restritas àquele espaço. E, apesar do professor ser o responsável por aquele ambiente, ele pode unificar o que acontece dentro de sua sala de aula com o que está proposto no Projeto Político Pedagógico da escola, bem como no contexto social (Carvalho, 2012). Ou seja, para Cunha (2006 apud Ribeiro, 2006, p. 282) ser professor é uma atividade complexa que exige uma preparação cuidadosa para dominar a multiplicidade de conhecimentos e saberes que estão em jogo, e alinhar interesses, necessidades e particularidades a propostas de ensino-aprendizagem que estejam comprometidas com uma formação humana integral.

Nesse debate, Souza e Costa (2021) afirmam que o Estágio em Ensino de Ciências é essencial para que o futuro professor possa vivenciar práticas de ensino e aprendizagem nos contextos do ambiente de trabalho de forma preliminar. Desse modo, essas práticas possibilitam ao estagiário construir uma visão mais ampla da realidade de sua profissão. E, para Pimenta e Lima (2017), o estágio pode limitar a imitação de modelos pela observação do professor supervisor pelo estagiário ou emprego de técnicas e habilidades vivenciadas. Contudo, as autoras ressaltam que o estágio é muito mais que observar ou desenvolver habilidades técnicas, ou replicar modelos considerados consagrados, é um momento de pesquisa para a formação do estagiário como futuro professor. Nesse sentido, diante de todas as experiências docentes vivenciadas, é possível perceber o quanto a imersão em aulas práticas e em campos de pesquisas, enquanto discentes, auxiliam na formação profissional, frente aos desafios inerentes à profissão docente. Isto porque, através das experiências vividas no CAp/UFPE, foi possível construir aprendizagens sobre planejamento e prática docente, sobre a importância das diferentes estratégias didáticas, da con-

textualização e da interdisciplinaridade no Ensino de Biologia.

4. Considerações finais

Considerando as vivências pedagógicas na abordagem de temas relacionados à Ecologia, com alunos do Ensino Médio do CAp/UFPE, é possível perceber que a alteração na organização das sequências das atividades pensadas, inicialmente, para vivência do estágio de regência (após diálogo com alunos e professores supervisores), contribuiu significativamente para a aprendizagem dos alunos sobre os temas abordados. Tais percepções se estendem, também, às contribuições enriquecedoras para a formação profissional dos estagiários, tendo em vista os benefícios e desafios ao se adotar estratégias metodológicas diversificadas adequadas aos conteúdos escolares.

Nesse processo, evidencia-se a importância das oportunidades e possibilidades de se realizar aulas de campo, como forma de agregar significados às atividades pedagógicas na relação ensino-aprendizagem, o que torna possível a abordagem de um mesmo tema sob diferentes perspectivas, ou seja, de maneira interdisciplinar. Tais possibilidades vão ao encontro de sugestões presentes nos PCN, quando discutem o ensino de Ecologia num contexto baseado na realidade experienciada pelas pessoas.

Ressalta-se, nessa discussão, a importância de professores supervisores e das escolas campos de estágio que devem estar abertos para acolher o profissional docente em formação, contribuindo de maneira comprometida com visões realísticas dos diferentes contextos educativos. Assim, o acolhimento de estagiários, de diferentes cursos de licenciaturas, pode proporcionar e consolidar uma trajetória formativa com um ensino formativo qualificado. Tais elementos, seguramente, são cruciais na construção de uma formação docente consciente dos desafios atuais da profissão, e promotora de uma perspectiva crítica, engajadora e reflexiva da docência.

Referências

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais:** introdução aos parâmetros curriculares nacionais**.** Brasília: MEC/SEF, 1997. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro091.pdf. Acesso em: 01 maio 2023.

CARVALHO, A. M. P. **Os estágios nos cursos de licenciatura**. São Paulo: Cengage Learning, 2012. ISBN: 9788522112074.

FAVORETTI, V. et al. O ensino de ecologia: uma análise de sua abordagem em escolas de ensino médio entre 2008-2018. **ACTIO: Docência em Ciências**, Curitiba, v. 5, n. 1, p. 1-15, jan./abr. 2020. Disponível em: https://periodicos.utfpr.edu.br/actio/article/view/10077.

GONÇALVES, R. Mapas conceituais na interdisciplinaridade: uma aula de ecologia. CONGRESSO DE ECOLOGIA DO BRASIL, 8., 2007, Caxambu. **Anais do VIII Congresso de Ecologia do Brasil**. Caxambu: Sociedade de Ecologia do Brazil, 2007. p. 123-130.

GONZAGA, G. R. et al. Jogos didáticos para o ensino de Ciências. **Educação Pública,** Rio de Janeiro, v. 7, n. 17, p. 1-7, 04 abr. 2017. Disponível em: https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/17/7/jogos-didticos-para-o-ensino-de-cincias. Acesso em: 01 maio 2023.

MACHADO, P. A. **Ecologia Humana**. São Paulo: Cortez, 1984. 173 p.

MARIANI JÚNIOR, R. **O estudo de ecologia no ensino médio: uma proposta metodológica alternativa**. 2008. 167 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Matemática, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008. Disponível em: http://www.biblioteca.pucminas.br/teses/EnCiMat_MarianiJuniorR_1.pdf. Acesso em: 30 abr. 2023.

OLEGÁRIO, A. de F.; GALVÃO, G. M.; FREIRE, G. M.; ROSA, M. C. da. **O uso de filmes para o ensino de ciências com ênfase para conservação da natureza**. Encontro Nacional das Licenciaturas, 8., 2021, Evento Online. p. 1-14. Disponível em: https://www.editorarealize.com.br/editora/anais/enalic/2021/TRABALHO_COMPLE-

TO_EV163_MD1_SA101_ID235_09112021155854.pdf. Acesso em: 01 maio 2023.
PÁDUA, E. M. M. **Metodologia da pesquisa: abordagem teórico-prática**. 10ª. ed. São Paulo: Papirus, 1997.

PIMENTA, S. G.; LIMA, M. S. L. **Estágio e docência**. São Paulo: Cortez, 2017.

PINHEIRO, A. L. **Ensino de ecologia no ensino médio através de atividades investigativas**. 2019. 49 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Mestrado Profissional em Ensino de Biologia em Rede Nacional - PROFBIO, Instituto de Ciências Biológicas, Universidade de Brasília, Brasília, 2019. Disponível em: http://repositorio2.unb.br/jspui/bitstream/10482/37404/1/2019_AnneLucasPinheiro.pdf. Acesso em: 01 maio 2023.

PRODANOV, C. C.; FREITAS, E. C. **Metodologia do trabalho científico:** métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. 2. ed. – Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

RIBEIRO, M. L.; MORAES, R. C. de; MARTINS, Édiva de Souza. Ser professor é "se virar nos trinta": representações de estudantes sobre a profissionalização docente. **Plurales Humanidades,** Ribeirão Preto, v. 12, n. 2, p. 280-305, dez. 2011. Disponível em: http://seer.mouralacerda.edu.br/index.php/plures/article/view/28/24. Acesso em: 30 abr. 2023.

RODRIGUES, S. S. **A importância da aula prática no ensino de ciências**. 2013. 36 f. TCC (Graduação em licenciatura em Ciências Biológicas). Instituto Ensinar Brasil, Serra, 2013. Disponível em: https://dspace.doctum.edu.br/bitstream/123456789/1576/1/A%20IMPORT%C3%82NCIA%20DA%20AULA%20PR%C3%81TICA%20NO%20ENSINO%20DE%20CI%C3%8ANCIAS.pdf. Acesso em: 01 maio 2023.

SENICIATO, T.; CAVASSAN, O. Aulas de campo em ambientes naturais e aprendizagem em ciências: um estudo com alunos do ensino fundamental. **Ciência & Educação** (Bauru), v. 10, n. 1, p. 133-147, 2004. FapUNIFESP (SciELO). http://dx.doi.org/10.1590/s1516-73132004000100010.

SILVA, M. D. C. **Ensino de Ecologia:** Dificuldades encontradas e uma proposta de trabalho para professores dos ensinos fundamental e médio de João Pessoa–PB: Universidade Federal da Paraíba. Monografia apresentada ao Curso de Ciências

Biológicas da Universidade Federal da Paraíba, 2012.

SOUZA, R. E. N.; COSTA, M. G. Vivências do estágio em docência no ensino de ciências: relato de experiência sob o olhar de uma mestranda. **Reamec - Rede Amazônica de Educação em Ciências e Matemática**, v. 9, n. 3, p. 1-19, 17 set. 2021. Revista REAMEC. http://dx.doi.org/10.26571/reamec.v9i3.12203.